



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

RESPOSTA SÁBIA

POR
Feliz Ventura



A NASTÁCIO Boavida,
Natural de S. Facundo,
E' um ás a viajar;
Já conhece meio mundo.



Ora, há tempos, Boavida
Para o criado assim disse:
—«Arranja-me já as malas...
Vou viajar até Nice.»



Depois de cumprida a ordem
E de tudo despachado,
Em carruagem de luxo,
Eis Anastácio instalado.



Passam meses. Certo dia
Volta o nosso viajante
E aos que o veem visitar,
Fala com modo importante.



De repente, entre os amigos,
Que o foram cumprimentar,
Um pergunta: — «Dize lá:
Foste os Alpes visitar?»



Logo Anastácio, entre todos,
Diz assim, com ligeireza:
— «Ora essa, eles até
Jantaram comigo à mesa!»

Portugal

Por JOSINO AMADO

(Continuado do numero anterior)

ANGOLA

— Filho maior que o pai, não é desaire,
 Mais de catorze vezes sou que a mãe.
 Meu nome Angola, ao sul do rio Zaire,
 Grande, como eu, o meu amor também!

Achou-me Diogo; e Salvador Correia
 Os holandeses varre do horizonte;
 De riquezas possuo a terra cheia,
 Tantas!!! que em vão tereis quem vo-las conte

Todas as produções dos solos quentes,
 Nobres metais que geram a ganância,
 Gados, diamantes, em porções ingentes,
 Tudo à Pátria darei em abundância! —

METRÓPOLE

— Quanto me dizes, enche de alegria
 Esta pequena mãe, grande no amar,
 Pois no meu coração, a arder, cabia
 Amor que fôsse inda maior que o mar! —

MOÇAMBIQUE

— Ao sul da foz do límpido Rovuma,
 Lá na costa oriental, achou-me o Gama,
 Tirando Angola, possessão nenhuma
 Tens mais vasta, mais rica e de mais fama!

Nos meus quentes areais e nos meus portos
 Vêde as pégadas de eternals heróis,
 Que, em holocausto à Pátria, foram mortos
 No mar, na terra, à luz dos arrebóis!

A minha situação, portos, baías,
 Do solo as produções, gado, minério,
 São já e mais serão, em breves dias,
 Preciosas jóias do teu grande império! —

METRÓPOLE

— Essas palavras varrem do meu peito
 Tristezas que não vão muito distantes,
 E Porém, que queres, não valeu direito,
 Quem vencerá a fome dos gigantes?! —

INDIA PORTUGUESA

Da Ásia do sul, na flórea terra indiana,
 Vive esta malfadada e fraca irmã,
 Grande Albuquerque a fez e sobre-humana,
 Porém, a desunião tornou-a anã!

Arrependidos, ponde os vossos olhos
 Na história da que foi o Sol do Oriente!
 Que os lusos nunca mais hostis abrolhos
 Semeiem, mas, de paz, nobre semente!

Pequena, como sou, eu inda assim
 Dou canela, pimenta, arroz e cravo,
 Coqueiros e madeira, amendoim,
 Coisas que tanto amou o luso bravo! —



METRÓPOLE

— Contristada lamento o golpe duro,
 Que feriu a que amei com tanto amor;
 Oxalá que os meus filhos, no futuro,
 Não me dêem com ódios nova dor!

MACAU

Como prémio dum Bem, solo irrisório
 Deu um filho do céu ao português,
 O seu valor, porém, um grande empório
 Nos celestes confins da China fez!

Dez miriades de terra, sou Macau,
 Colónia de comércio, com heroísmo
 De Holanda repeli o furor mau,
 Cidade do fan-tan e do turismo!

Eu sou a mais distante e pequenina,
 Humilde corpo e grande nas acções,
 Alberguei em meu seio a voz divina,
 Que de fulgor a história encheu: — Camões! —

METRÓPOLE

— Honra de Portugal, de Deus cidade,
 Terra de patriotismo, Leal Senado,
 Longe de ti lusiada saudade
 Tem o meu coração ao teu ligado! —

TIMOR

— Eu sou Timor, do solo teu um quinto;
 Trouxe-me ao teu amor o missionário;
 Sou de grandes riquezas o recinto,
 Porém, muitos me julgam um Calvário!

Ilha que banha, longe, o mar da Sonda,
 De cordilheiras meu torrão se eriga;
 O amor da Pátria resistiu à onda
 Do cúpido holandês, que ódios atija!

Meu clima é quente, mas não tenham medo,
 Na zona alta, central, bem vivereis;
 Café, milho, cacáu, rico arvoredos,
 Petróleo, cobre e ouro encontrareis! —

METRÓPOLE

— Para muitos, os filhos de Caim,
 És feral círculo infernal de Dante,
 Filha longínqua, amada és para mim,
 Que mái não esquece o filho seu distante!

Filhas queridas desta vida vidas,
 Feitos dos meus heróis, luz do meu sér,
 Em vós eternamente revividas
 Da Pátria lusa as glórias não-de ser!

Por vós eu mostrarei ao mundo inteiro
 Quanto é que vale a colonizadora

O PALACIO AZUL

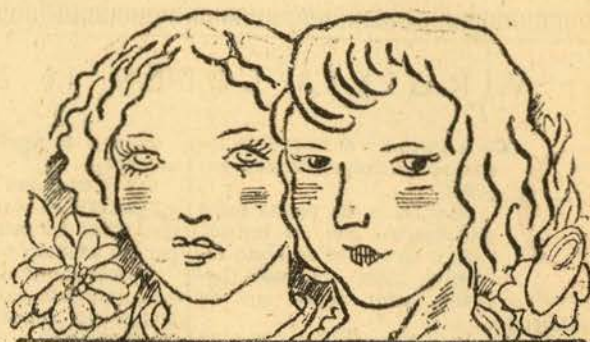
Por JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR

CONHEÇO um Palácio Azul, um Palácio de Sonho, que rescende a baunilha e que é habitado por duas lindas princezinhas.

Chamam-se elas Maria de Lourdes e Odette. A primeira tem quinze anos e a segunda dezesete; duas primaveras em flor, duas rosas perfumadas e duas meninas encantadoras.

A primeira é natural duma formosa cidade, chamada Sete colinas, onde o céu é de anil e cheinho de sol; e a segunda duma encantada ilha repleta de panoramas belos, onde as sereias costumam cantar e seduzir os corações e as almas.

Na primavera, quando as flores desabrochavam e a atmosfera se impregnava de mil aromas, recebiam estas princezinhas tôdas as meninas pobres, a-fim-de-lhes suavisar a miséria e a doença. Um dia, apareceu, à porta do palácio, um índio e uma indiana; êle dizendo que possuía a magia da cura, que tinha o poder



de dar saúde a todos os meninos doentes, e ela afirmando que era capaz de fazer brotar, duma fonte misteriosa, tôda a qualidade de brinquedos, várias aves, de plumagem colorida, que cantavam e dançavam lindamente. Mais disseram: que com suas habilidades seriam capazes de proporcionar, a tôda a infantil e respeitável assistência, uma hora de grande prazer espiritual.

Não foi necessário mais, nem seria preciso tanto para que as duas princezinhas convidassem os asiáticos viajantes a entrar no palácio e a mostrar as suas habilidades, a sua arte, o que logo ambos fizeram.

Então, o Palácio Azul transformou-se num verdadeiro Palácio de Sonho, um palácio encantado, onde tudo era verdadeira maravilha. Durante duas horas o índio conseguiu curar, por completo, com ervas, olha-

(Continua na página 8)



Acção dum povo heróico, marinheiro,
Que no mundo espalhou luz redentora!

Por vós trabalharei, aproveitando
As riquezas que todas possuíis,
Com intenso labor; forte, evitando
Dos outros povos as cobiças vis!

Pelo meu génio fortes descobertas,
Sois da minha alma rútilo apanágio,
Da negra escuridão por mim libertas,
Sofrendo sede, fome, dor, naufrágio!

Não se lembrem ladrões, os vis espéculos,
Que vos observam a direito, a torto,

Que não-de levar-nos o que há tantos séculos
Possui País que em vão julgaram morto!

Do fundo mar ressurgirão ossadas
Das caravelas, naus e dos galeões,
A defender-vos, filhas adoradas,
De heróis, repletas armas e canhões!

Por ser pequena, não receio o imundo
Furor da hostil exploração atroz;
Não é pequena quem descobre o mundo,
Quem tem Camões e filhas como vós!!!..



F I M



OS OVOS de DONA PATINHA

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA



E, em frente do prodígio que tornára Dona Patinha uma glória da capoeira, seu espanto não teve limites!
Só o sábio Corvo Vicente, aos saltinhos aos risinhos, veio segredar ao burro velho seu amigo e confidente:

— «Não é bem certo o ditado «Caiu que nem uma pata!» pois, correcto e aumentado, quem caiu na patarata, quem comeu a grande asneira foi a raça toda inteira!—»

Razão tinha Mestre Vicente!
Os papalvos, ao ouvirem, constantemente, Dona Patinha apregoar: — Se eu sempre ponho ovos de ouro, valho decerto um tesouro! — assim o entenderam, também.

Por isso, se privaram das melhores sementes da algarida, das melhores couves da horta, dos melhores caracóis do campo por deferência para com Dona Patinha.

Esta, sempre de papo bem recheado, passava vida regalada, com a cabecita cada vez erguida com mais arrogância e dando às asas e ao rabinho, com mais petulância.

Mas nem toda a bicharia se mostrava assim tão crédula!

Uma certa pata, de raça ordinária, andava desconfiada que ali havia grossa lhacaria!

E, um dia, à hora em que os companheiros estavam muito entretidos, a roda da caseira que chegara com a comezaina,

DONA Patinha destoava de todas as patinhas da sua espécie.
Não tinha as penas mais pintalgadas que as outras, nem o bico dum amarelo diferente, nem era mais pequena, nem maior que as

companheiras.

O que diferenciava Dona Patinha de toda a bicharia da capoeira, era a grande toleima de que estava possuída.

Eu lhes explico, meus meninos, a razão porque ela levantava a cabecita com tal arrogância e dava às asas, a todo o momento, com um orgulho desmedido.



A Mãe Patareca, quando ela nascera, ficou maluquinha com aquela filha!

Numa cegueira de amor maternal, achou-a a mais linda, a mais rara, a mais prodigiosa patinha do reino das patas!

E como tal, quando Dona Patinha chegou à idade de pôr ovos, num alarido, a Mãe Patareca desatou a clamar:

— «Meu lindo tesouro, terás ovos de ouro! Tu, na terra inteira, serás a primeira; que assim o farás por isso, és um ás!—»

Desde então, Dona Patinha olhou com o maior desdém para os vulgares ovos brancos que todas as senhoras galinhas, patas e perúas usavam pôr.

Mãe e filha esperaram, cheias de ansiedade, que o primeiro ovo de ouro aparecesse à luz do dia.

Finalmente, chegou a ocasião em que Dona Patinha declarou que ia pôr o seu ovo. Nervosíssima, a Mãe Patareca levou a filha para a arribana onde, sobre um monte de palha, Dona Patinha se acocorou.

Mas, ó decepção!... Ó vexame dos vexames!...

O ovo da Dona Patinha era um daqueles vulgaríssimos ovos brancos, tal qual os que todas as senhoras galinhas, patas e perúas usavam pôr.

Apressadamente, trataram, então, de o encafiar pela palha abaixo, não fôsem os bichos da capoeira dar com semelhante fracasso!

Agora, Dona Patinha, tomada de susto, tinha horror a tornar a pôr mais ovos.

E a Mãe Patareca, ao vê-la naquele estado, decidiu ir em cata do Corvo Vicente que era um sábio muito sabido.

Deu-lhe parte do que acontecera. Saltitante, bem falando, Mestre Vicente assim disse numa voz de profecia:

— «Na pedra dura, fura que fura, Dona Patinha vai, ligeirinha, e sem temor, seu ovo pôr.—»

Como prova de que ele era entendido em artes mágicas, designou à Dona Patinha uma pedra cheia de arestas, de asperezas e ordenou-lhe que ali puzesse o seu ovo, imediatamente.

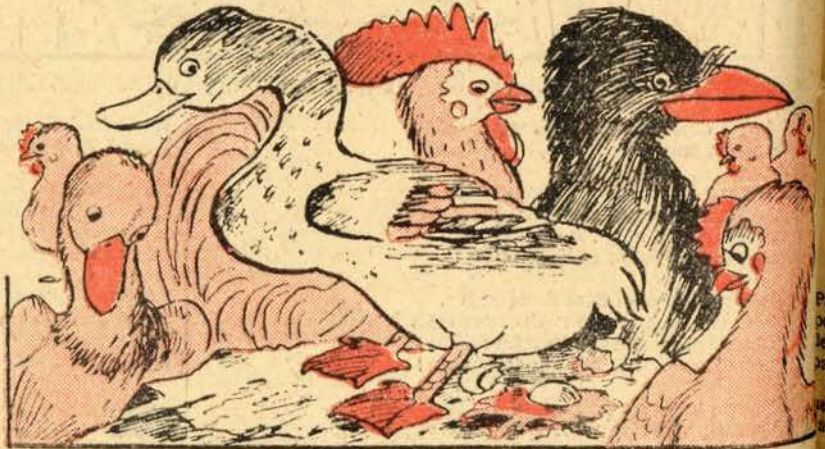
E vai ela, agachou-se...

Daí a pouco, um ovo bateu na pedra dura, fura que fura, e uma substância dourada — a gema do ovo — pintou o pedregulho.

— Cá está ele!... O ovo de ouro!...

Cá está o ovo de ouro!... — grasnou, delirante de entusiasmo a Mãe Patareca, indo chamar as várias patas patudas, galos, galinhas e pintos, para virem admirar a anunciada raridade!

Todos correram, piando, grasnando, cacarejando...



CARIDADE

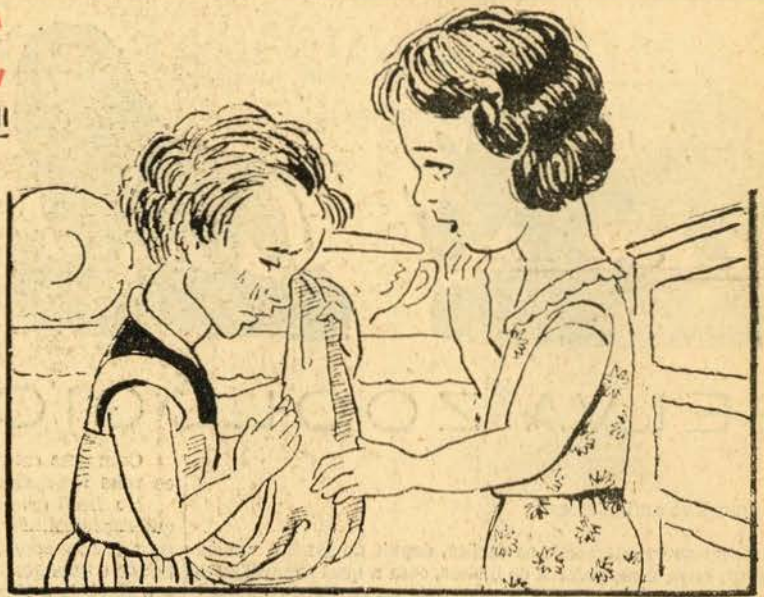
POR MARIA DE JESUS DOS SANTOS

FÓRA de festa o jantar,
E a pequena criadita,
Exausta de trabalhar,
Lamenta a sua desdita,...

Ao vê-la triste, chorosa,
A simpática Lili
Preguntou-lhe: — «O que tens, Rosa,
Quem te trata mal aqui?!

Anda, dize... não respondes?!...
Basta, de prantos e ais!
Queres ir ao Central, ao Condes?
Ou ao teatro? Pois vais,

Não é por isto?!... Não, não!...
Mas que falta de pensar,
Pobre Rosa, tens razão,
Stás farta de trabalhar!



Pois bem, eu vou-te ajudar,
De modo que ninguém oiça;
Fica aí a descansar,
Enquanto eu te lavo a loiça!...

«Mas Jesus, Virgêm Maria!
Cada vez tu choras mais...»
— «Choro agora de alegria
Bendito, Senhor, sejais!

... de mansinho, sem que dessem por...

... a tentar uma experiência em que tinha grande filé.

Quando voltou, era ver o seu bamboleio...

Esperou, com impaciência, o dia seguinte.

Pediu, então, à capoeira em péso que a seguisse, pois grande surpresa lhe reservava.

Quando chegaram à pedra dura, fura que fura, onde Dona Patinha pusera o seu ovo de ouro, a boa pata agachou-se.

Vai daí, o ovo que lhe saiu foi tal qual como os afamados de Dona Patinha!

Na pedra, cheia de arestas, deixou es...

correr o seu oiro luzente.

Nuns cuás-cuás divertidos, ela, pôs-se a...

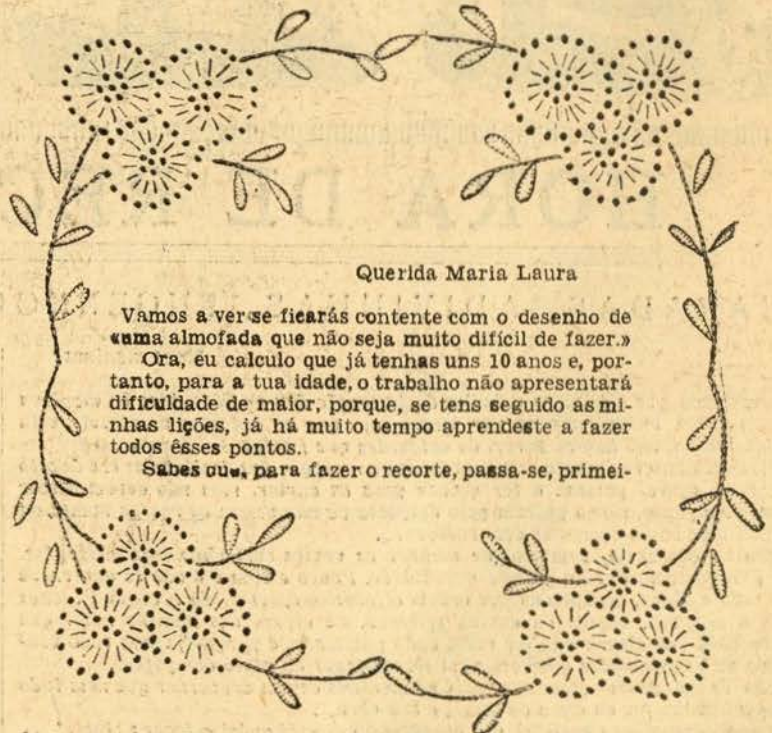
— «Eu sou a pata,
a mais barata,
a mais mesquinha,
a mais pobrinha,
que aqui existe,
mas não estou triste,
que o meu ovinho
é tão loirinho,
tal qual, tal qual,
é mesmo igual,
ao da patinha,
essa tolinha,
filha do céu,
que pôs um ovo igual ao meu! —

Desde aí, a Mãe Patareca e a filha Dona Patinha pagaram caro o seu atrevimento, porque a bicharia, furiosa, nunca mais as deixou em sossego, com suas bicadas e suas patadas.

E a moral da história resume-se nisto: nenhum bicho nem gente se deve julgar superior aos outros.

O CESTINHO DA COSTURA

Por ABELHA MESTRA



Querida Maria Laura

Vamos a ver se ficarás contente com o desenho de uma almofada que não seja muito difícil de fazer.»

Ora, eu calculo que já tenhas uns 10 anos e, portanto, para a tua idade, o trabalho não apresentará dificuldade de maior, porque, se tens seguido as minhas lições, já há muito tempo aprendeste a fazer todos esses pontos.

Sabes ou, para fazer o recorte, passa-se, primei-

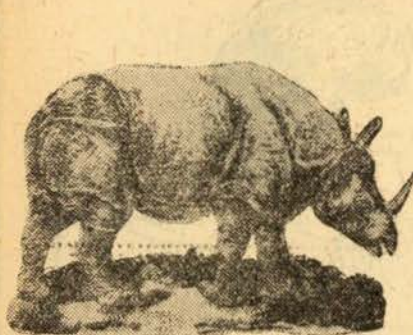
ro, uma linha contornando o desenho e só depois é que se começam os pontinhos muito certos.

Para fazer os nózinhos, dá-se, primeiramente, um pequeno ponto, aperta-se a linha entre o polegar e o indicador esquerdo, puxando-a bem e enrola-se 3 ou 4 vezes à roda

da agulha; espeta-se esta para baixo, segurando sempre a linha; depois, puxa-se com cuidado, segurando-a o mais tempo possível com a mão esquerda.

Recebe um grande abraço da tua amiguinha

Abelha Mestra



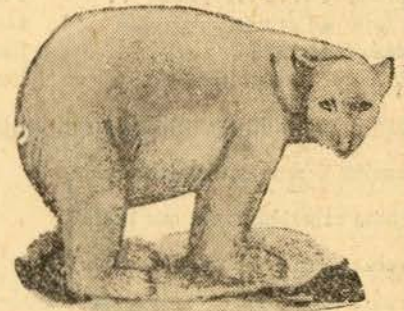
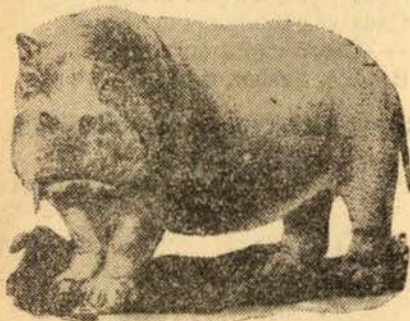
SELVA ZOOLOGICA POR G. B.

Queridos amiguinhos:

A fim de os entreter aos serões, depois do jantar, vamos iniciar, hoje, uma galeria de bichos, com a qual organizarão uma pequena selva Zoológica, recortando as figuras, depois de coladas em cartolina, de forma a poderem pôr-se de pé.

Com uma caixinha de lápis de côr, deverão colori-las com os tons apropriados a cada bicho.

No final da coleção publicaremos, o cenário de fundo que representará um aspecto da selva, num recanto de África selvagem, e constituirá um engraçado brinquedo. Da habilidade e bom gosto de cada um, dependerá, em parte, o efeito e o partido a tirar desta fácil empresa, que porá à prova o vosso jeito manual.



HORA DE RECREIO

CHARADAS, ADIVINHAS, ENGENHOÇAS, JOGOS, ETC.

Meus meninos:

Perece-nos que o número anterior desta secção deu no gôto. E se os meninos ficaram todos entusiasmados por terem com que se entreter ao recreio, esta semana, então, não hão-de parar, de contentes que ficam!

Dissemos anteriormente que o prazo para recepção das decifrações era de oito dias. Pois, agora, passam a ter quinze para as enviar, mas não devem deixar passar este prazo, senão passam pelo desgosto de não verem os vossos nomes ou pseudónimos como campeões decifradores...

Não se esqueçam, também, de mandar as vossas cartinhas com produções. Não é necessário enviar grande quantidade. Pouco e bom é o que se quer. Irá tudo para a bicha, organizada por ordem alfabética e, assim, do A até ao Z, todos terão a sua vez, depois da devida selecção. Se algum dos menino notar que passou pela sua altura sem ter visto nada publicado, é porque já tem tudo consumido ou as produções que restavam foram parar ao cesto dos papéis.

Não se zanguem com isto, pois os meninos devem concordar que nem tudo o que o homem faz ao cimo da terra, é boa obra...

E agora, vamos-nos entreter um bocadinho que está quasi a tocar a sineta!...

3 — Vi nesta cidade portuguesa um tanque de jardim.—3-2

Dália de Jesus

4 — Que martirio para quem é zaró-lho! — 3-2

Efi

ELECTRICA

5 — Viajei daquela cidade africana até esta terra portuguesa.—2

D. Rufa

ENIGMA TIPOGRÁFICO

G

K

NOTA

NOTA

11 letras

Dois Manos

CHARADAS—N.º 2
NOVISSIMA

1—Esforça-te sem angústia para mostrar que és um «atleta».—2-1

Chalet d'Ossos

SINCOPADAS

2—Este «homem» é de estatura elevada.—3-2.

Béu

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



9

Senhora de altas virtudes,
Nascida na corte inglesa,
Deus a pôs, como rainha,
Nesta terra portuguesa.

E para prémio do bem
Que tinha em seu coração,
Deu-lhe o filho que formaram
A inclita geração

Dela saiu a bondade
Que até mouros comoveu,
A honradez que no campo
De Alfarrobeira morreu.

A inteligência tão grande
Que neste povo reinou,
E aquele sonho bendito
Que ao longe as náus enviou,

Senhora de altas virtudes
E de belo coração
Foi.....
Esposa de D. João.



10

A minha tão pobre musa
Não pode agora dizer
Os feitos inegalados
Que este herói soube fazer.

Não dizem versos humildes
Aqueles actos guerreiros,
Feitos em Aljubarrota,
Em Valverde e Atoleiros.

Nem aquele amor intenso,
Dominador, sem igual,
Em que este herói envolvia
Deus e a terra natal.

Só poderei repetir
O que toda a História diz:
Não há outro que se igual
Em todo o nosso país.

Não há mais quem tão bem saiba
Vencer a gente estrangeira
Nem quem ame a sua Pátria,
Como



11

O pobre Conde D. Pedro,
Homem sério justo e honrado,
Nos campos de Alfarrobeira,
Foi por ferros trespassado.

E aquele seu grande amigo,
Que com ele sempre andou,
Ao saber que ele era morto
Não deu gritos, não chorou

Mas lutou com tal furor
E tão grande valentia,
Que em sua volta, só mortos
E sangue, em breve, se via.

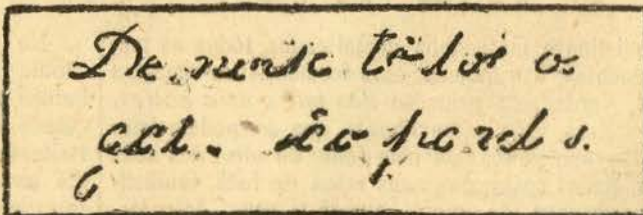
Quando se sentiu sem forças,
Sobre o chão duro caiu;
Gritou: — «Fartar, vilanagem!»
E mais não disse nem viu,

Pois sobre ele os tredos ferros
Cairam em avalanches,
Foi, de-certo, um grande herói
O nobre

CORRESPONDÊNCIA

Endereçar toda a correspondência
relativa a esta secção para: «Pim-
-Pam-Pum» — HORA DE RECREIO —
— Rua do Século, 59 — Lisboa.

QUE PROVERBIO É ESTE?



Vejam lá que arrelis!... Estava eu a escrever o que os meninos têm à vista e logo começa o apuro a falhar, a falhar... Trata-se de um provérbio muito conhecido, mas como ficou naquele lindo estado, já não me recorde qual era.
Querem os meninos ajudar-me a acertar com ele?

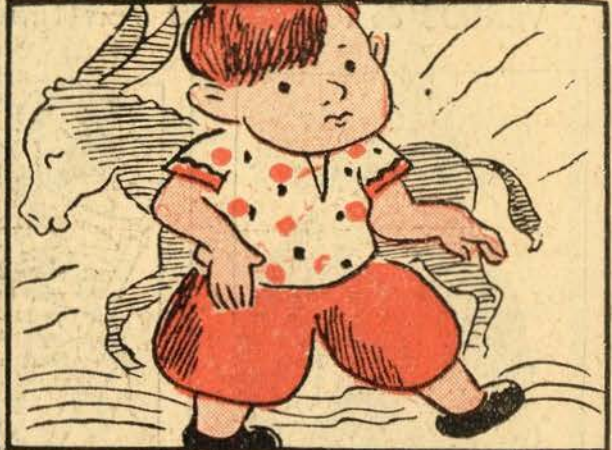
Nota ao número anterior: — A charada n.º 7 é da autoria de Anjocarfer.

A esperteza do «Joaquim»

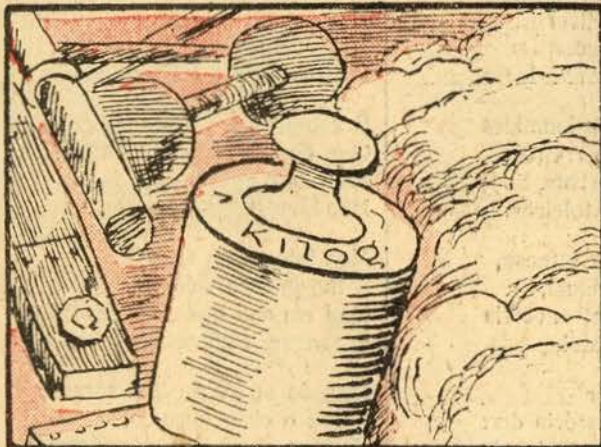


— «NUM» sei se tu sabes, Zé,
Que o nosso filho «Jóquim»,
Na sua esperteza «inté»
Se assemelha muito a mim...

— (Isto diz a ti' Custódia
Ao seu homem «Zé» Pançudo.)
— Se tu visses!... Que paródia!
Como êle é esertinho em tudo!



O «Manel» do boticário
Para ver se o embaçava,
Chamou lá «tamem» o Mário
Que muito perto se achava



E é mais esperto que um grilo.
— «O «Jóquim» — diz êle então, —
Que pesa mais? É um quilo
De ferro ou um de algodão?»

O nosso «Jóquim» pensou,
E depois, sem mais detença,
Logo assim desembuchou:
— «Que sou tanso o senhor pensa?!



Com certeza que não erro
Se lhe disser, com razão,
que pesa um quilo de ferro
Mais que um quilo de algodão.»

I S O L D I N A

O PALACIO AZUL

(Continuação
da página 3)

res exquisitos e massagens complicadas, tôdas as meninas doentes; e a indiana, essa formosíssima rapariga oriental, verdadeira princesa *das mil e uma noites*, fez as coisas mais maravilhosas que se podem imaginar. Do seu peito, saiu uma fonte de ouro; dos seus cabelos, lindas rosas; das suas mãos de fada, fantásticos passarinhos de canto divinal e asas doiradas. Emfim, de tôda ela saíram as mais belas, exóticas e perfumadas coisas, que deslumbravam a vista e seduziam o espírito de tôda a assistência.

No final, fez a indiana uma surpresa maior: distribuiu pelos ouvintes alguns perfumes do Oriente que tinham a particularidade assombrosa de conceder felicidade e vida longa a todos aqueles que usassem e visitassem o Palácio Azul — aquele belo palácio que tão amigavelmente a tinha recebido, assim como ao seu companheiro e onde reinavam, pela sua beleza radiosa, pelos seus corações diamantinos e pela sua alegria estridente, as princezinhas Maria de Lourdes e Odette.